

# Preconceito e agressividade na infortunistica

J. MADEIRA NEVES

Presta-se o Estado de Santa Catarina, sobremaneira, a estudo atinente à influência que possa ter o fenômeno psicológico-social do preconceito numa resultante agressividade do trabalho, ou seja num fator determinante da ocorrência de acidentes do trabalho. E isto decorre da própria estruturação demográfica.

Temos, de um lado, elementos de ascendência negra ou índia, relativamente pouco numerosos, não chegando a atingir — incluídos os tipos de cruzamento — 8% da população global. Os índios, aliás, representam-se em parcela tão inexpressiva, que deles prescindiremos neste trabalho, quer por essa circunstância e ainda por se localizarem, esparsos, no remoto interior, prejudicados a qualquer pesquisa documentada.

O fato de somarem percentagem minguada na população torna os negros vítimas de preconceito, menos ou mais aberto, que se acentua sobretudo naquelas zonas do Estado habitadas por brancos de origem não-lusa.

De outro lado, os brancos em geral distribuem-se em aglomerados diversos, etnicamente bem característicos, fechados ou quase fechados, em alguns deles dominando as línguas de origem até há bem pouco tempo, inclusive em muitas escolas. Observa-se, ainda agora, conservação de fortes traços culturais oriundos da raiz ancestral. Os processos de acultu-

---

NOTA DA REDAÇÃO: O autor deste trabalho é Catedrático de Medicina Legal da Faculdade de Direito e Professor da Faculdade de Medicina da Universidade de Santa Catarina.

ração e de assimilação pela comunidade brasileira revelam-se relativamente vagarosos, se bem que indiscutíveis e atuantes. Eles, aliás, verdadeiramente, só ganharam dinamismo e vulto depois dos conflitos bélicos mundiais.

Por conseguinte, culturalmente, o Estado mostra-se como legítimo mosaico, insofismável arquipélago constituído por ilhas de cultura, diferenciadas entre si, pouco mescladas por certo, havendo, às vêzes, passagem brusca e nitidamente perceptível — na linguagem, nas lavras, na arquitetura, nas roupas, e até no próprio físico dos indivíduos — entre as suas linhas demarcatórias. As transições entre as ilhas étnico-culturais inexistem, assim, praticamente; o que se verifica, na realidade, é abrupta transfiguração das normas de vida, de costumes, de paisagem humana, afinal, de uma etnia para outra.

Entre essas ilhas de cultura, podemos distinguir as que são de ancestralidade lusa e as de origem étnica não-lusa.

As lusas, em número de duas, representam-se pela do planalto lageano, de fundação paulista, nos meados de século dezoito, durante as grandes viagens de aproveitamento das pastagens e estabelecimento da pecuária, e pela do litoral. A última provém, na quase totalidade, de imigração açoriana, a partir também do século dezoito, no seu derradeiro quartel.

Seguem-se, em importância numérica, os alemães, que ocupam, como núcleo principal, o fértil vale do rio Itajaí, onde estabeleceram prósperas lavras, crescentes indústrias de grande e pequeno porte. Oferecem como peculiaridade essencial, na agricultura, o regime da pequena propriedade e do polimorfismo dos produtos, a transmissão da terra pelo morgadio, e, na indústria, o não se concentrarem em artigos exclusivos, mas em atividade de grande gama, indo, desde a fábrica que fornece fôrmas para a preparação de charutos, aos artigos de fiação e de cerâmica, às gaitas de bôca, reputados em todo o Brasil, pelo apuro de seu acabamento, marca tradicional essa, aliás, do operário de origem germânica.

Há, ainda, núcleos menores, em número de três, distribuídos pela superfície estadual, com a mesma configuração básica do núcleo principal.

Seguem-se os italianos, seja os de proveniência direta do Mediterrâneo, seja os que, depois de duas ou três gerações no Rio Grande do Sul, colonizaram as regiões mais ocidentais do Estado, na fronteira com a Argentina.

Naquela zona de transcendente importância estratégica, construíram, pela sua tenacidade física e descortínio mental, portentoso documento do valor da gente peninsular, com base em lavoura multifária, suinocultura, e sem qualquer indústria maior.

Ocorrem, também, grupos austríacos, polonêses, ucranianos, com riqueza demográfica menor, mas, em regra, tanto mais estanques na cultura, quanto menos expressivos numericamente, num esforço de sobrevivência, talvez.

Existe um grupo interessante, o dos sírios e afins. Êste, sem significação geográfica, mas válido èticamente, interessado apenas pelo comércio nas cidades ou na mercância ambulatória, mas que se está projetando, ràpidamente, nas profissões liberais e na política.

Bem de ver, assim, que grupos de origem étnica tão diversa, revelem graus diversos de preconceito entre si, fortes e ásperos às vêzes, agressivos, outras. Refletem, aqui, as próprias reações vigentes entre os países de origem; ressaltam, ali, apenas condições de insegurança e inveja econômica. Mas, sempre, constatamos presentes, emersos ou imersos, os preconceitos de etnia, de nacionalidade.

Entretanto, como já acentuei, existe, também, preconceito de modalidade racial, ou seja o que os brancos, em geral, e mais particularmente os polonêses e teutos, dedicam aos entes de cõr prêta. Existem mesmo os que não querem empregadas domésticas e mormente cozinheiras escuras.

Criam-se, assim, situações de grande desvalia social, tais como: perda da modalidade vertical dentro das coletividades, pela fixação nas tarefas mais inferiores; condenações vultosas pelo reconhecimento de tôdas as agravantes quando o incriminado é de cõr; estabelecimento dos estereótipos de malandro, mulherengo, fraco, ladrão, para o escuro; cerceamento de entradas em clubes, etc..

Durante o nazismo registrou-se acentuação marcante dessas insídias; mas, verifica-se, como disse, nos últimos tempos, melhora sensível, sobretudo no parque industrial de Blumenuau, em que operários não brancos conseguem assumir posições de destaque, vários deles tendo sido encaminhados à Europa para aprendizagem especializada de novos modelos de máquinas.

De um caso, tenho conhecimento, em que operário de côr, tanta inteligência e habilidade evidenciou, que a própria companhia suíça, onde estagiava, solicitou — e obteve — os seus préstimos, para que êle, e não os próprios técnicos suíços, passasse a exhibir e a fazer demonstrações, nas grandes feiras comerciais da Europa, das máquinas em cujo labor se especializara.

Os luso-derivados, bem como os italianos, sírios, austríacos, não aparentam preconceito tão forte, conquanto o vivam, sobretudo, nas questões de casamento.

Da minha observação, acredito que os descendentes de italianos sejam de todos os não-lusos os menos preconceituosos, e nas suas colônias, até a professôra prêta recebe consideração e respeito invulgares. Antiga pajem de minha casa, hoje, é professôra em colônia italiana. Os habitantes, como prova de aprêço, construíram-lhe uma casa; dão-lhe presentes sem conta e, por nada dêste mundo, admitem sua remoção.

Mas, no atinente a casamento, reagem frontalmente. De um ouvi, não há muito tempo, e num caso concreto: «prefiro ver a minha filha prostituta ou morta, do que casada com êste negro». (E se tratava de mulato bem claro!).

Muitas vêzes, o preconceito inter-étnico supera, e até muito, o preconceito de côr. Assim, se a um alemão fôsse perguntado como escolheria companheiro de trabalho, acredito que o faria aproximadamente na ordem seguinte: alemão, austríaco, italiano, brasileiro do interior, ucraniano, brasileiro da cidade, prêto, polonês.

Quanto ao polonês, acredito só em caso de vida ou morte, e um dos dois, de fato, estaria esfaqueado ou morto dias após. Quanto aos sírios, nem formulo a hipótese: o sírio só trabalha para si mesmo ou para a gente de seu grupo étnico...

Aliás, diga-se de passagem, os sírios com sua vivacidade natural para o comércio e as profissões liberais, abrem, por êsse mesmo sucesso, uma situação de fortes preconceitos contra si. São vítimas acendradas dos italianos. Lembro-me de caso do Conselho Penitenciário em que um sírio, em zona italiana, matou um peninsular, após forte discussão provocada por êste; no primeiro júri, onde havia quatro brasileiros e três italianos como jurados, foi absolvido por quatro a três; no segundo júri, e sendo os jurados todos italianos, foi condenado unânimemente, reconhecidas tôdas as agravantes...

O polonês é de todos os grupos o mais fechado. Na extrema oponência de suas antipatias, estão os alemães, juntamente com os pretos. Conservam costumes ancestrais interessantes: a noiva na festa de casamento dança com os convidados, que, para isto, pagam certa importância a qual servirá para o patrimônio do nôvo lar; após o festejo nupcial, há simulação de rapto: os recém-casados pulam por uma janela e fogem a cavalo ou de carroça, os parentes e convidados fingem perseguí-los e irrompe tiroteio violentíssimo, para o ar, está claro...

Bem de ver que a tensão emocional resultante dêsse entreechoque psicológico-social, dêsse arranhar de almas, dessa constante trituração de personalidade com ditos, gestos, piadas, etc., de todo vulto, cria, também, para o **trabalho** — onde o problema econômico de cada um deve encontrar solução — uma atmosfera de conflito, de agressividade. E esta agressividade psicológica, virtual, potencial, mas pujante e omnipresente, oriunda do atrito de culturas diversas e das personalidades diversas que elas dinamizam, — desde que se ultrapassem certos mecanismos de contrôle, numa fricção em crescendo gôta a gôta, ou ante aresta mais aguda e mais brusca, irrompe, exhibe-se, explosiva, incontrolável, imprevisível nas conseqüências. Desencadeiam-se, então, crises íntimas, tempestades de sentimento. O turbilhão da alma exterioriza-se no registro de acidentes no trabalho. Vê-se a agressividade de origem psicológica a concretizar-se em causas infortunisticas eficientes.

Resido, em Florianópolis, cidade pequena e pacata, onde há domínio luso bem caracterizado, decorrente de velha colonização. Noto, ainda assim, em minha experiência clínica de

vinte anos, que os pretos — via de regra — se acidentam mais, sobretudo se têm patrões e, principalmente, chefes de equipe de trabalho, germânico ou polonês.

Em outros pontos do Estado, e com mais fôrça, verifiquei, também, essa ocorrência.

Pequenos senões, esmorecimento, que a operários brancos se perdoariam talvez, tratando-se de prêto — ou ainda de alguém na nacionalidade antipatizada — logo se lhe chama a atenção, pune-se, surgem discussões, e destas explodem, poderosos, os estereótipos pejorativos, delinqüescentes da personalidade.

E com o mulato, parece-me, a cousa é ainda mais acentuada. A êste, então, não se poupa jamais.

Tais vítimas do preconceito, em consequência, sentindo-se tarjados, marcados, incompreendidos e sem sintonia com o grupo de trabalho — verdadeiros marginais do espírito — não só esmorecem, produzindo menos, como se tornam desatentos, passam a usar o álcool para enfrentar a situação e — e isto é verdade incontestável — a se acidentarem mais, — quer com o baixar do seu tônus psíquico, quer num mecanismo de verdadeira fuga, através do acidente, ao meio hostil.

Lembro-me bem de um acidentado mulato que me chegou certa feita ao consultório, e a quem fiz a pergunta de rotina nas fichas de Institutos e Companhias de Seguros, de quantas vêzes êle já se acidentara no último ano. Disse-me — êle era pedreiro — que cinco vêzes, uma de maior gravidade. Fiz-lhe sentir que era demais, que devia acautelar-se. Respondeu-me que isto, agora, era relativamente pouco; que quando morava no interior, (em zona quase cem por cento polonêsa), chegava a ferir-se vinte a vinte e cinco vêzes por ano.

Interessante assinalar, aqui, que a vítima do preconceito, em regra, com a irritação continuada, com o isolamento, com a frustração — e talvez numa ambição de fuga — abandona os meios de proteção, com o que o acidente torna-se mais frequente. Há, ainda, o desinterêsse, o descuido, e logo o incidente infortunístico, pelo reconhecimento de que a situação econômica não vai melhorar para êle: o acesso aos cargos me-

lhores fica privativo do grupo racial ou étnico dominante. É a falta de verticabilidade social.

E se o prêto acaso chega a dirigir branco, é êste, que se sentindo diminuído começa a reagir e, entre as maneiras como se traduz esta reação, figura, também, aquela da incidência maior em infortúnios. Verifiquei isto diversas vêzes na fábrica de Renda e Bordados de Florianópolis — produtora de tecidos que vi expostos e vendidos como francêses ou suíços nas grandes capitais do país. Cada máquina tem dois operários: orientador e auxiliar. As duplas — prêto-branco — não duram, em regra, mais de 10-15 dias: ou brigam, ou um dêles se acidenta, comumente o branco, mas, às vêzes, o prêto, confundido pelas picardias e ameaças dos outros brancos em solidariedade ao seu irmão de raça.

Entre os mineiros de carvão, por mim atendidos, os pretos, apesar de numéricamente constituírem apenas vinte por cento da massa obreira especializada, ascendem, no entanto, a cêrca de cinqüenta e sessenta por cento do meu total clínico. Viti-mam-nos acidentes do trabalho, de preferênciam; queixam-se, quase sempre de, além das vicissitudes normais de sua penosa profissão, receberem continuamente doestos dos companheiros.

Reconhecem, entretanto, que, nos momentos de perigo, nas situações críticas no interior das galerias, apagam-se as prevenções, associam-se os esforços, «pegam todos juntos», como dizem. Convém que se informe, de passagem, que nêles incide muito a turberculose e bem mais do que nos brancos de qualquer grupo étnico, companheiros de profissão. Neles também, já encontrei diversos casos de nistagmo profissional, e em índice percentual maior do que o dos brancos.

Entendo constituir, ainda, elemento informativo digno de registro, que a mortalidade infantil, nas zonas carvoeiras de Santa Catarina, desde o grande surto que tiveram com a segunda Guerra Mundial, aumentou de, pelo menos, cinco a oito vêzes.

Deve-se isto — no meu entender — ao fato de as mulheres abandonando lares, serem, nas minas menores, aproveitadas no serviço de escolha manual do carvão, trabalho que executam

muitas vêzes com vestidos de sêda e meias de nylon. Mas, isto não é nada: por volta do ano de 1947, vi mineiros trabalharem com roupas de casemira inglêsa e sapatos de couro de crocodilo. A insegurança, a incerteza, as agruras da profissão levam-nos, como me afirmavam, a gozar a vida...

Acredito, desta forma, que o preconceito seja o racial, seja o étnico, seja o de qualquer outra modalidade (social, econômico, religioso etc.), produz um ambiente psicológico para a criatura humana, maléfico, pernicioso, delinqüescente. Nela irá provocar instabilidade emocional, insatisfação, esmorecimento, desleixo por sua própria segurança pessoal — um verdadeiro desprazer de viver — que chega a constituir-se em agressividade poderosa, constante, de eficiência indiscutível na concretização de acidentes do trabalho.

Atua o preconceito, quer diretamente, através das causas materiais diversas, quer como mordente, como chispa desencadeadora, facilitando, acentuando, espicaçando, «envenenando», — se me permitem a expressão — a temibilidade dos outros fatores geradores de infortúnios.

Haverá aqui, pois, mais um motivo para combatermos com tôda a tenacidade essa praga do preconceito — seja qual fôr entre si todos os habitantes do Brasil, no sentido de tornar-lhes a roupagem de que êle se revista — visando ainda mais a aproximar a vida menos acidentada, mais próspera e mais feliz.